

PENSAMENTOS DESCOSIDOS

("Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Ta dizer que este mundo é um circo e que o espetáculo raramente compensa o incomodo das arquibancadas, quando lembrei que o pensamento, além de melancólico, é banal, e talvez até hipócrita, porque o fato é que todos nós, com algumas tresloucadas exceções, nos apegamos com unhas e dentes a essas mesmas asperezas do mundo tão calunias. O fato é que todos nós achamos bom, achamos ótimo ir com o corpo até ali, voltar para cá, sentir os braços e as pernas, respirar, comer, beber, e ouvir o coração lá dentro do peito bater tuc-tuc-tuc... E' bom sentir frio, ainda que seja para logo reclamar o agasalho; sofrer calor, ainda que seja para logo bufar. E' bom viver. Mas então, quem fala mal da vida é hipócrita? Pode ser que seja e que não seja, pois na verdade a vida é um contrasenso. E' o seu próprio valor, tão incontrvertido, tão total, integral, imenso, absoluto que nos leva a reclamar das partes que a consti-

tuem o mesmo elevado teor. Ora, é nessa disparidade entre as partes e o todo que está o absurdo máximo da vida. E' bom viver, absolutamente falando; mas logo os espetáculos do mundo nos deixam humilhados. Noventa e nove por cento das cenas que vemos passar são falsas; e quanto mais importantes os personagens e mais transcendente a reunião mais falsa é o conteúdo. Tenho diante de mim uma página de jornal com um cliché representando a instalação da Comissão Brasileira da OPA, e leio que um poeta, nomeado para representar o Brasil nessa coisa, pede o auxilio de Deus. Em outro lugar do jornal se cuida da demissão de um Ministro ou das ameaças feitas por outro Ministro. Todo mundo finge acreditar na utilidade desses ministérios e assim, com a aprovação de todos, prosegue a opereta descosida e descontinua, e nesse meio tempo a vida continua a oferecer perspectivas infinitas que sempre falham, ou parece que falham. Não há proporção entre o valor da vida e o valor dos acontecimentos. Os homens inventaram uma liturgia da importancia e do prestigio — discursos, recepções, comissões da OPA, acadêmias — com a idéia de restabelecer tão escandalosa desproporção.

Mas o escândalo persiste. O absurdo da vida subsiste. Eu vejo autênticos valores humanos nos extremos de uma gama espantosa que vai de Ana Frank aos seus carrascos, de Pasternak aos seus perseguidores, e em mais modestas proporções de nosso noticiário do rei da cocaína que foi preso em São Paulo ao bom carteiro Otacillo de Freitas que achou cento e quarenta mil cruzeiros e foi procurar, chorando de aflição, o seu dono. Parece que a veracidade dos atos humanos só se revela nos dois polos do bem e do mal. Os valores intermediários são recobertos de fingimentos que nos impedem de ver o sinal algébrico que têm, e ficamos sem saber se tal membro da OPA pende para o rei da cocaína ou para o bom Otacillo.

A conclusão que se tira de tudo isto pode parecer ingênua demais, mas não vejo outra. Tudo bem considerado, salta aos olhos que estamos aqui, neste curioso circo, para tomar posição, para escolher entre Ana Frank e seus algozes, entre o rei da cocaína e o bom carteiro, e em tudo o mais seguir os mandamentos de Deus.